Interviewer: Do you find it easier to understand native or non-native speakers of English?

Cristina: Well, I’ve been in the United States for seven years now, and I’ve been exposed to a lot of different accents, not only people from the United States, but from different parts of the world, so I’m used to it. In terms of regional accents in the US, I still sometimes have trouble with Southern accents...they’re a little more challenging for me, because I don’t live in the South. The most stressful thing, I think, is talking on the phone, because you don’t have the face-to-face interaction, so it can be tricky.

Interviewer: Do you find it easier to understand native or non-native speakers of English?

Pun: I find native speakers easier to understand, because they speak more clearly than non-native speakers. But, some native speakers can be difficult to understand too because they talk too fast. And even though I can usually understand native speakers better, I have more confidence when I’m talking to a non-native speaker because I know that neither of us speaks perfect English, so I’m not as worried about making mistakes or being embarrassed.

Interviewer: How do you feel about having your English corrected?

Cristina: Well, it hasn’t happened much lately, but I don't mind, because that's how we learn, you know, we learn from our own mistakes. Sometimes when I’m tired, I might make a mistake with the third-person form, you know, but usually people are quite tolerant. And sometimes I catch my own mistakes, so I'm able to correct myself.

Interviewer: How do you feel about having your English corrected?

Pun: I love to have native speakers correct my English, because it helps to pinpoint my mistake. But some people can overdo it. For example, I had this co-worker at my job, and every time we had a conversation, he used to correct my mistakes — If someone corrects you constantly, you just don’t want to speak anymore. But when they give me words that I didn’t know before, then it’s appreciated.

*Entrevistador: Você acha mais fácil entender falantes nativos ou não nativos de inglês?*

*Cristina: Bem, estou nos Estados Unidos há sete anos agora e fui exposta a muitos sotaques diferentes, não apenas de pessoas dos Estados Unidos, mas de diferentes partes do mundo, então estou acostumada. Em termos de sotaques regionais nos EUA, ainda às vezes tenho dificuldade com sotaques do sul... eles são um pouco mais desafiadores para mim, porque não moro no sul. A coisa mais estressante, eu acho, é falar ao telefone, porque não há interação cara a cara, então pode ser complicado.*

*Entrevistador: Você acha mais fácil entender falantes nativos ou não nativos de inglês?*

*Pun: Eu acho mais fácil entender falantes nativos, porque falam mais claramente do que os não nativos. Mas alguns falantes nativos também podem ser difíceis de entender porque falam muito rápido. E, embora eu geralmente consiga entender melhor falantes nativos, tenho mais confiança quando estou conversando com um não nativo porque sei que nenhum de nós fala inglês perfeito, então não fico tão preocupado em cometer erros ou me constranger.*

*Entrevistador: Como você se sente em relação a ter seu inglês corrigido? Cristina: Bem, isso não tem acontecido muito ultimamente, mas não me importo, porque é assim que aprendemos, você sabe, aprendemos com nossos próprios erros. Às vezes, quando estou cansada, posso cometer um erro com a forma da terceira pessoa, sabe, mas geralmente as pessoas são bastante tolerantes. E às vezes eu percebo meus próprios erros, então consigo corrigir a mim mesma. Entrevistador: Como você se sente em relação a ter seu inglês corrigido?*

*Pun: Eu adoro ter falantes nativos corrigindo meu inglês, porque ajuda a apontar meu erro. Mas algumas pessoas podem exagerar. Por exemplo, eu tinha esse colega de trabalho, e toda vez que tínhamos uma conversa, ele costumava corrigir meus erros — se alguém corrige constantemente, você simplesmente não quer mais falar. Mas quando me apresentam palavras que eu não conhecia antes, aí é apreciado.*

Interviewer: Do you have any funny or embarrassing stories related to misunderstanding someone?

Cristina: Yes, this happened a few years ago. I was trying to organize an evening out with some friends, and one of my friends picked a place for all of us to meet, and he said, “Let’s all meet at Hideout.” He meant H -I-D-E-O-U-T you know, like a hiding place, which was the name of a bar. But I completely misunderstood him and thought he said “high doubt,” two words, like H -I-G -H D-O-U-B-T. So, this caused a lot of confusion because I passed on the information to a bunch of other people and everybody got extremely confused and we couldn’t find the place. We had to call him to find out where it was, and then we all figured out that I had misunderstood and gotten the name of the place wrong. Yeah, it took us a while, but in the end we all got together and had a good laugh. So it all worked out.

Interviewer: Do you have any funny or embarrassing stories related to misunderstanding someone?

Pun: Yeah, usually related to idioms. For example, I once took a business course, and the professor liked to use the phrase, "get a foot in the door.” I didn’t know what that expression meant and kept thinking, why do we need to put a foot in the door? Then a classmate told me it doesn’t mean you REALLY stick your foot in the door, it means you initiate, or start, something...And here’s another one: “sugar-free.” I knew that “free” means no cost, but I kept seeing “sugar-free” things in stores. I thought that “sugar-free” meant they put in more sugar, like extra sugar, and it was free to the customer. But instead, it meant there was NO sugar at all. I was really surprised by that.

Interviewer: Is there anything you still find difficult about English?

Cristina: I find that certain idioms related to sports don't come easily to me because I don’t know anything about baseball or basketball or American football, and there’s quite a few idioms in American English that come from those sports, like “hit it out of the park” or “slam dunk.” So even though I do understand them in context, I don't use them, because I don’t always see the connection...Oh, and spelling. Romanian is a phonetic language, so spelling isn’t necessarily as important as it is in English. Sometimes I have to write words out in English, maybe because I’m a visual learner. I have to visualize the letters in my head before I can spell the word.

Interviewer: Is there anything you still find difficult about English?

Pun: Sometimes when I read a new word, I’m not sure where to put the stress, for example, I’ll say STAtistics instead of staTIStics. And I always used to say aCAdemic...for the word acaDEMic. You see, the Thai language is very different from English, so sometimes it’s hard. But mostly my problem is that I’m constantly monitoring my own speech because I ’m afraid of making mistakes.

*Entrevistador: Você tem alguma história engraçada ou embaraçosa relacionada a mal-entendidos com alguém?*

*Cristina: Sim, isso aconteceu alguns anos atrás. Eu estava tentando organizar uma saída com alguns amigos, e um deles escolheu um lugar para nos encontrarmos, e ele disse: "Vamos nos encontrar no Hideout." Ele quis dizer H-I-D-E-O-U-T, sabe, como um esconderijo, que era o nome de um bar. Mas eu entendi completamente errado e pensei que ele disse "high doubt", duas palavras, como H-I-G-H D-O-U-B-T. Isso causou muita confusão porque eu passei a informação para várias outras pessoas e todos ficaram extremamente confusos e não conseguíamos encontrar o lugar. Tivemos que ligar para ele para descobrir onde era, e então todos percebemos que eu tinha entendido errado e colocado o nome do lugar errado. Sim, demorou um pouco, mas no final nos reunimos e demos boas risadas. Então tudo se resolveu.*

*Entrevistador: Você tem alguma história engraçada ou embaraçosa relacionada a mal-entendidos com alguém?*

*Pun: Sim, geralmente relacionadas a expressões idiomáticas. Por exemplo, uma vez fiz um curso de negócios, e o professor gostava de usar a expressão "get a foot in the door". Eu não sabia o que essa expressão significava e continuei pensando, por que precisamos colocar o pé na porta? Então um colega de classe me disse que não significa que você REALMENTE coloca o pé na porta, significa que você inicia ou começa algo... E aqui está outra: "sugar-free". Eu sabia que "free" significa sem custo, mas eu continuava vendo coisas "sugar-free" nas lojas. Eu pensei que "sugar-free" significava que eles colocavam mais açúcar, como açúcar extra, e era grátis para o cliente. Mas na verdade, significava que não havia açúcar nenhum. Fiquei realmente surpreso com isso.*

*Entrevistador: Há algo que você ainda ache difícil no inglês?*

*Cristina: Acho que certas expressões idiomáticas relacionadas a esportes não vêm facilmente para mim porque eu não sei nada sobre beisebol, basquete ou futebol americano, e há várias expressões idiomáticas em inglês americano que vêm desses esportes, como "hit it out of the park" ou "slam dunk". Então, mesmo que eu as entenda no contexto, não as uso, porque nem sempre vejo a conexão... Ah, e a ortografia. O romeno é uma língua fonética, então a ortografia não é necessariamente tão importante quanto no inglês. Às vezes, tenho que escrever palavras em inglês, talvez porque sou um aprendiz visual. Preciso visualizar as letras na minha cabeça antes de poder soletrar a palavra.*

*Entrevistador: Há algo que você ainda ache difícil no inglês?*

*Pun: Às vezes, quando leio uma palavra nova, não tenho certeza de onde colocar a entonação, por exemplo, direi STAtistics em vez de staTIStics. E costumava sempre dizer aCAdemic... para a palavra acaDEMic. Veja bem, a língua tailandesa é muito diferente do inglês, então às vezes é difícil. Mas, na maioria das vezes, meu problema é que estou constantemente monitorando minha própria fala porque tenho medo de cometer erros.*

Interviewer: Where did your family originate from?

David: My mom’s side of the family is from what is now Croatia. When she was born it was in between Italy and Yugoslavia. And my dad’s side of the family is from Italy.

Interviewer: Why did you start researching your family tree?

David: The reason that I started researching was because I have two older sisters and they’re both ten and eleven years older than me. So, growing up I actually never met my dad's parents, my grandparents on my father’s side. And my grandparents on my mother’s side were very old. Luckily my grandmother lived until she was a hundred but I didn’t really get to know my grandfather that well. So, just out of curiosity I was just trying to understand my immediate family, my grandparents and in talking to my mom, in talking to my father, just kind of learning that they themselves lead very interesting kind of journeys over here. And the more that I went to look into it, the more interesting the stories became to me.

Interviewer: When you start researching, what's the first step the first thing you do?

David: The first thing that I do when researching, or the first thing that I did when I started researching, for me it was very organic and I just started talking to my parents. And then they started talking, or, they introduced me to family that I had met when I was a child but I had talked to my cousin who's a judge in Italy, or my cousin in the Bronx who knows my dad’s side of the family. So that was kind of my immediate. And then I started to branch out from there using Ancestry.com or you know, different resources. You know, even just going to the public library and seeing if I could dig up documents that way.

Interviewer: In practical terms, how important is the Internet in researching family history?

David: I think the Internet obviously is extremely important. I mean, it just makes finding information and being able to look at so many different resources so much easier. Something that would take probably months or a year you could probably do in a few days or a few weeks online. And just the communities of people that you can be introduced to that have done similar things to you, I think that’s a huge benefit as well. So, you can start talking to people who give you advice, you know, just going to message boards and seeing what people have done in the past. And a lot of times hurdles that you might come across, they have already solved them for you, they have hints for you about how to get past them. So, I think that's, to me, has been the biggest help.

Interviewer: How far back have you been able to trace your family?

David: I’ve been able to go back about four generations with my family. I’m still searching and still talking with some family members in Italy about what information they know and trying to use local offices there to see if I can get marriage licenses, and birth certificates of my grandparents and their parents. But, it’s, the further back you go it becomes a little bit more difficult. So, I'm at about four generations now.

*Entrevistador: De onde sua família é originária?*

*David: O lado da minha mãe é da região que hoje é a Croácia. Quando ela nasceu, era entre a Itália e a Iugoslávia. E o lado da família do meu pai é da Itália.*

*Entrevistador: Por que você começou a pesquisar sua árvore genealógica?*

*David: A razão pela qual comecei a pesquisar foi porque tenho duas irmãs mais velhas, e ambas têm dez e onze anos a mais do que eu. Então, crescendo, eu realmente nunca conheci os pais do meu pai, meus avós do lado do meu pai. E meus avós do lado da minha mãe eram muito idosos. Felizmente, minha avó viveu até os cem anos, mas eu realmente não cheguei a conhecer muito bem meu avô. Então, por pura curiosidade, estava apenas tentando entender minha família imediata, meus avós e, ao conversar com minha mãe e com meu pai, descobri que eles próprios tiveram jornadas muito interessantes para cá. E quanto mais eu investigava, mais interessantes as histórias se tornavam para mim.*

*Entrevistador: Quando você começa a pesquisar, qual é o primeiro passo, a primeira coisa que você faz?*

*David: A primeira coisa que faço ao pesquisar, ou a primeira coisa que fiz quando comecei a pesquisar, foi muito orgânica para mim, comecei conversando com meus pais. E então eles começaram a falar, ou me apresentaram a familiares que eu tinha conhecido quando criança, mas conversei com meu primo que é juiz na Itália, ou meu primo no Bronx que conhece o lado da família do meu pai. Então, isso foi meio que meu ponto de partida imediato. E a partir daí, comecei a expandir usando o Ancestry.com ou, você sabe, diferentes recursos. Até mesmo indo à biblioteca pública e vendo se eu poderia encontrar documentos dessa maneira.*

*Entrevistador: Em termos práticos, qual é a importância da Internet na pesquisa da história da família?*

*David: Acho que a Internet é obviamente extremamente importante. Quer dizer, ela facilita muito a busca de informações e a possibilidade de acessar tantos recursos diferentes. Algo que levaria provavelmente meses ou um ano, você provavelmente pode fazer em alguns dias ou algumas semanas online. E as comunidades de pessoas às quais você pode ser apresentado que fizeram coisas semelhantes a você, acho que isso é um grande benefício também. Então, você pode começar a conversar com pessoas que dão conselhos, sabe, indo para fóruns de discussão e vendo o que as pessoas fizeram no passado. E muitas vezes, os obstáculos que você pode encontrar, eles já os resolveram para você, têm dicas sobre como superá-los. Então, acho que isso, para mim, foi a maior ajuda.*

*Entrevistador: Até que ponto você conseguiu rastrear sua família?*

*David: Consegui retroceder cerca de quatro gerações com a minha família. Ainda estou pesquisando e conversando com alguns membros da família na Itália sobre as informações que eles conhecem e tentando usar os escritórios locais lá para ver se consigo obter licenças de casamento e certidões de nascimento dos meus avós e seus pais. Mas, quanto mais você retrocede, fica um pouco mais difícil. Então, estou em cerca de quatro gerações agora.*